

Narcisismo e masoquismo: corte e abertura para uma metapsicologia das origens^{1,2}

Ignácio Alves Paim Filho³, Porto Alegre

“Deitou-se e, tentando matar a sede, Outra mais forte achou. Enquanto bebia, Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem, Julga corpo, o que é sombra, e sombra adora.” (OVÍDIO, poema Metamorfoses)

Em setembro de 1913, após o derradeiro congresso da IPA em Munique, marco da ruptura definitiva com Jung, Freud revisitara Roma. Revitalizado por esse reencontro e buscando elaborar os efeitos dessa cisão para o movimento psicanalítico, ele começará a rascunhar um de seus trabalhos mais significativos: *Para uma introdução ao narcisismo* (1914). Trata-se de um produto de divergências teórico/clínicas cujo ponto de ebulição é a necessidade de repensar a teoria pulsional – a libido –, a energia da pulsão sexual e as suas repercussões na psicose. O caso do presidente Schreber (1911) demanda novos aportes. Instalação de um novo modelo

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Publicado no livro *Sobre o Filicídio: uma introdução* (PAIM FILHO; BORGES, 2017). Nessa versão, ampliada, teço proposições metapsicológicas, buscando fazer a interação do narcisismo com o enigmático tema do masoquismo. Diante dessa intenção, efetuo uma modificação no título original, acrescentado o masoquismo.

3 Psicanalista, escritor, membro pleno do CEPdePA, membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

para especulações sobre a constituição da psique: a relação neurose/psicose. Advento de uma nova dualidade pulsional: libido do Eu *versus* libido do objeto, com seu movimento de gangorra. As pulsões de autoconservação passam a ser libidinizadas, o não sexual sai de cena, o que implicará nos desdobramentos da virada de vinte – quando este retorna com a pulsão de morte. Nesse sentido, assinalo que esse texto sobre o narcisismo poderia ter por codinome a virada de quatorze⁴.

Nesse trabalho, Freud se valerá da regressão psicótica como um estímulo para adentrar o universo arcaico e, com isso, coloca em movimento a criação de uma metapsicologia sobre a constituição do Eu. Utiliza como referência o acontecer do narcisismo. Seguindo por essa trilha, Freud propõe como se dá esse desenvolvimento do autoerotismo ao amor objetal. Para atingir tal meta, enuncia-se a necessidade de *uma nova ação psíquica*⁵ (FREUD, 1914, p. 99) para viabilizar a saída do autoerotismo. Trata-se de uma ação integradora, porém não nomeada por Freud, sendo justamente o narcisismo primário que surge, dando uma estruturação, criando uma unidade, regida por um padrão organizador – o princípio do prazer purificado. Diante desse cenário, temos as bases para inferir sua ligação e fundamentação para o Eu-Ideal. Contudo, através de um processo de aquisição gradual de uma diferenciação, elabora-se paulatinamente o narcisismo secundário – retorno da libido ao Eu, que foi investida nos objetos. Esse retorno da libido traz as marcas que revelam a não completude, fissuras que põem a trabalhar

4 Nesse sentido, remeto ao trabalho “Exercitando a leitura de Freud em novos tempos” (PAIM FILHO et al., 2014), texto cujos autores pontuam quatro grandes viradas no pensamento freudiano, similares à virada de vinte: primeira virada [1891-1897] – 1905; segunda virada 1914-1915; terceira virada 1919/1920 – 1930; e a quarta virada 1925/1927 – 1937/1938.

5 Essa “ação” será palco de muitas discussões entre os pós-freudianos. Fico inclinado a referendar a ideia de que a identificação primária – o ser identificado – seja o elemento que cumpra essa função de ligação, função esta que viabiliza a passagem do Eu-realidade-originária para o Eu-ideal. Nesse sentido, a proposição da *identificação direta e imediata* formulada por Freud em 1923 e caracterizada por ser anterior a qualquer investimento objetal, pode ser mais um indicativo a favor dessa tese.

a construção de um Eu comprometido com os ideais narcísicos, porém já submetido à lógica do princípio do prazer/desprazer: o Ideal-de-Eu, ideal que estará subjacente aos destinos do recalque e da sublimação.

Uma das muitas grandes questões levantadas nessa introdução do e no narcisismo consiste na vinculação do narcisismo primário com as figuras parentais. Parece-me que Freud faz um avanço através de uma regressão. Ele tece, em *Totem e Tabu* (1913), uma possível antropologia psicanalítica para as origens do sujeito e da cultura, centrado no desejo parricida e incestuoso do filho em relação aos pais, tomando por paradigma a tragédia edípica, encenada em *Édipo Rei* de Sófocles. Por outro lado, no narcisismo, Freud nos propõe uma mudança de perspectiva – “[...] dedução retroativa a partir de outro ponto de observação” (FREUD, 1914, p. 110) – com o postulado do narcisismo primário, traz para o primeiro plano a anterioridade do desejo das figuras parentais, com todo o seu implexo para com seus rebentos – ser objeto de desejo –, ápice da vivência incestuosa, ser três em um: “O ponto mais sensível do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, refúgio seguro abrigando-se na criança” (*op. cit.*). Com o esboçado nessa cena – *refugiar-se, abrigar-se com segurança em...* –, amparar o desamparo dos seus ascendentes: eis aí lançadas as bases para uma possível *neurose do destino* (FREUD, 1937), com seus mandatos endogâmicos: *Deitou-se e tentando matar a sede, outra mais forte achou [...]*⁶.

Podemos constatar, para além desse texto centenário, que o tema do duplo abordado por Freud em 1919, no *Estranho*, vem ao encontro dessa ideia: o filho em suas origens como um duplo do investimento parental

6 Esse roteiro sobre as origens e destinos do desejo é edípico, sendo explorado com maior profundidade no trabalho “Totem e Tabu: um prêmio ao narcisismo (sobre a sexualidade ampliada do complexo de Édipo)” (PAIM FILHO, 2022).

– apresentação do filicídio em suas diferentes roupagens⁷ – protetor e necessário, porém mortal se perpetuado. Portanto, em *Totem e Tabu*, temos uma narrativa estruturada nos destinos de Édipo, ao passo que, nesse texto de 1914, temos uma introdução que permite especular sobre as origens de Édipo. Retorno da velha pergunta ao oráculo, feita pelo jovem Édipo, suscitando outra resposta, talvez não excludente, mas sim complementar: “qual a minha ascendência?” Estranhamento. O oráculo cala, como se dissesse nada saber sobre suas origens. Entretanto, fala do seu destino. Compreendo que, ao olhar o destino de Édipo (1913) e ao mesmo tempo calar-se no que tange especificamente à sua origem (1914), Freud abre a possibilidade de e nos convida a intervir na problemática do narcisismo dos pais – o renascer da renúncia da castração – e seu comprometimento na constituição da psique dos seus descendentes, proporcionando os indícios para o postulado, em *Análise terminável e interminável* (1937), do *leito de rocha*⁸, com seu repúdio (*Ablehnung*) ao feminino: o quanto o humano mantém em si, nas profundezas de sua alma, o núcleo narcísico do qual todos somos originários – sepultado sim, destruído não –, hegemonia da virilidade narcísica. Isso determina nas mulheres a inacabável inveja do pênis e nos homens o temor da submissão a outro homem. A eterna possibilidade de ficar “[...] embevecido com a própria imagem”.

Seguindo por esse caminho, o lugar do objeto, a partir dessa abertura metapsicológica, amplia sua significação; torna cada indivíduo, em um tempo inaugural, coadjuvante do protagonismo dos objetos primordiais. O processo de desenvolvimento da psique – o vir a ser protagonista – está

7 A temática do filicídio, em seus três segmentos - estrutural, alienante e em ato - é trabalhada no texto “Filicídio nosso de cada dia: estrutura, alienação e ato” (PAIM FILHO et al., 2017).

8 Esta expressão não é encontrada nas traduções em português. Na Autêntica (2017), por exemplo, a expressão – *gewachsenen Fels* – foi traduzida por fundo do psiquismo. A tradução, por *leito de rocha*, se faz presente na edição espanhola da Amorthur. Estou escolhendo utilizar tal expressão por compreender, que enquanto recurso metafórico, representa com maior plasticidade os limites e os desafios do trabalho psíquico e do analista diante do (in)transponível da rocha.

subordinado à possibilidade da ruptura desse pacto narcísico com os pais, com sua promessa de imortalidade. O romance familiar edípiano torna-se mais complexo, contendo em sua estruturação Narciso e Édipo e sendo ressignificando, nesse *a posteriori*, diante dessa virada de quatorze.

Narcisismo e masoquismo: um encontro sinistro

Amparar o desamparo, a grande tragédia de se fazer humano, vida e morte. Como viver diante do inevitável da morte? Parece-me que só criando o mito da imortalidade, da plenitude, em que cada filho viria ocupar o lugar de sustentar e amparar estes desejos paternos, alheios ao sujeito [...]. (PAIM FILHO, 2006, p. 70)

Tendo em vista essas considerações preliminares, sinto-me instigado a lançar um olhar metapsicológico para o encontro do narcisismo com o masoquismo. Como aponte na introdução deste texto, o retorno do não sexual da pulsão de morte propicia desdobramentos do narcisismo, da patologia à criatividade. Pelo viés psicopatológico, temos, por exemplo, a destrutividade da força do desligado que impera na psicose, de um narcisismo no qual a libido, com sua solidariedade-excitatória-sexual (PAIM FILHO et al., 2014a), é deficitária em intensidade e em qualidade (fragilidade da alteridade) em sua função de domesticar a pulsão de morte; por outro lado, a sublimação, enquanto criação, ganha novo *status* metapsicológico, implicando desconstrução, reconstrução e construção. A pulsão de morte produz rupturas que propiciam liberação da libido, que, por sua vez, pode fazer novas ligações⁹, materializadas na concepção do objeto sublimatório.

9 No trabalho o “Pulsar da pulsão: os enigmas da criação” (PAIM FILHO; FRIZZO, 2014), os autores desenvolvem suas ideias sobre a positividade da negatividade e sua relação com a sublimação.

Com a introdução da pulsão de morte no seio do narcisismo, produz-se um avanço metapsicológico com repercussões teóricas e clínicas e que ressoa de forma consistente na dinâmica estrutural da psique, no interjogo da libido da pulsão sexual (ligar) *versus* a destrutividade da pulsão de morte (desligar). Ressoar que nos convoca e provoca a adentrar no sinistro universo das origens, na expectativa de estabelecer um diálogo entre o narcisismo e o masoquismo. Nesse sentido, o texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, demanda o nosso olhar. Com a concepção do masoquismo primário, está posto a fundação da psique no encontro da pulsão de morte, com sua fonte no corpo, com a pulsão sexual, com sua fonte no objeto. Tomando essa concepção como ponto de partida, parece-me que se impõe a seguinte questão: qual a vinculação entre o masoquismo primário e o narcisismo primário? Com a pretensão de ampliar a minha capacidade de criar especulações, vislumbro a seguinte cena: um recém-nascido com sua *disposição feminina originária* (PAIM FILHO, 2014c), invadido pelo pulsar anárquico da sua pulsão de morte que, ao ser encontrado pelo objeto, com seu mundo pulsional, este começa o processo de investimento libidinal, com sua conseqüente narcizização – *pulsão de apoderamento* (*Bemächtigungstrieb*¹⁰ (FREUD, 1920, p. 142), fazer do ser do bebê o seu ser: “A criança deve [...] realmente **ser**¹¹ o centro e a essência da criação do

10 Esse conceito, permeado por um grau significativo de imprecisão, está presente no texto freudiano desde 1905. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, faz sua primeira aparição. Ressurge em 1913, no trabalho *A disposição à neurose obsessiva*, e dois anos após em *Pulsões e destinos da pulsão*. Nesses trabalhos está vinculada a ideia de uma crueldade infantil dissociada da pulsão sexual, vindo a unir-se a essa num segundo momento. Na medida em que vai sendo sexualizada, adquire papel relevante no desenvolvimento do sadismo/masoquismo, no sentido de dominação. Com o advento do *Além do princípio do prazer* passa a ser produto do encontro pulsional, tendo como meta a descarga da pulsão de morte a serviço da pulsão sexual. Acredito que essa pulsão, a partir dos anos vinte, merece ser desenvolvida no sentido de ser um veículo pelo qual se desenvolvem recursos de ser um mediador entre o apoderar/dominar objeto de desejo, bem como, dominar as excitações: processo que esteja implicado a via simbólica.

11 Negrito do autor, visando destacar a ideia de um retorno, assentado no complexo de semelhante (FREUD, 1895) com sua íntima relação com a gênese do processo identificatório (PAIM FILHO; MORENO GARCIA 2023).

mundo, *His Majesty the Baby*, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia” (FREUD, 1914, p. 110).

Recordo que, em um trabalho anterior (PAIM FILHO, 2014d), apresentei a ideia de um *masoquismo primário não-erógeno* como um tempo primeiro do masoquismo primário e erógeno. Este, não-erógeno, seria produto das primeiras inscrições psíquicas, o *trauma primordial* (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2014): predomínio da pulsão de morte em detrimento da pulsão sexual. Estaria relacionado com o Eu-realidade-originária, autoerotismo, prazer do órgão. Seguindo esse roteiro, na medida em que ocorrem novos investimentos libidinais, instala-se o masoquismo primário e erógeno. Por outro lado, com o advento da *nova ação psíquica* – acréscimo do investimento erótico, via identificação –, dar-se-á o Eu-ideal, o narcisismo primário, princípio do prazer/desprazer. Portanto, por via associativa, podemos postular a ideia de que os destinos do masoquismo primário, bem como aqueles do narcisismo, são interdependentes. Tal condição direciona o nosso pensar à dualidade pulsional no interjogo do masoquismo *versus* narcisismo. Essa proposição evoca o seguinte pensar de Freud: “O masoquismo erógeno teria participado de todas as fases evolutivas da libido, extraindo delas suas variadas roupagens psíquicas” (FREUD, 1924, p. 110). Seguindo esse traçado, podemos aventar a possibilidade, por um viés, do narcisismo conter a força disruptiva do masoquismo e, por outro, do masoquismo poder fazer fissuras nos enlaces narcísicos fusionais¹².

Nesse contexto, o processo de autodestrutividade à destrutividade do objeto, bem como o processo construtivo, está permeado pela qualidade do investimento narcísico. Quando me reporto à qualidade desse investimento e não somente à sua quantidade, refiro-me ao *modus operandi* da libido em

12 Remeto ao texto “Masoquismo destino das pulsões: origem do sujeito” (PAIM FILHO; TERRA MACHADO, 2021). Neste os autores, num diálogo com Freud e B. Rosenberg (2003), desenvolve a ideia do masoquismo narcotizante e do masoquismo protetor, com seus atravessamentos narcísicos.

tomar para si a força da pulsão de morte. Partindo dessa premissa, cabe à libido, enquanto mensageira da história do irrepresentável ao representável, encaminhar os destinos das demandas pulsionais: “Para tal, devemos primeiro substituir a oposição entre Eros e pulsão de morte por uma nova oposição: a polaridade entre o amor e o ódio” (FREUD, 1923, p. 51). Cabe pontuar que, nessa nova posição, o ódio e o amor encarnam os enlaces da pulsão de morte pela libido. Sendo assim, no amor, temos como principal representante de Eros a libido e, no ódio, a pulsão de morte como principal representante de Eros. Com essa formulação, tenho em mente a observação de Freud a respeito do entrecruzamento dessa dualidade pulsional, enunciada no ponto IV de *Eu e o Id*: “No entanto, ambas atuam combinadas em diferentes proporções, de modo que, no final uma determinada substância, sempre acaba assumindo o papel de principal representante de Eros” (FREUD, 1923, p. 50). Visando a clarear essa montagem, pensemos na estruturação da sua majestade o bebê, metáfora da plenitude narcísica. Esse estado constitutivo, entretanto, para não ser cristalizado de eterno – filicídio alienante –, precisa, em termos pulsionais, ter uma adequada instrumentalização da pulsão de morte pela libido. Para que essa pulsão de destruição pulse, rompendo com esse estado de homeostasia narcísica, é necessária uma negação determinada, forjada em parceria com a libido. Portanto, a autodestrutividade do masoquismo primário, quando estruturante, é a responsável pela destruição, sempre parcial, dessa imagem idealizada do bebê majestoso: de duplo com suas identificações narcísicas – apogeu da libido homossexual, para um ser singular com suas identificações edípicas –, acontecer da libido heterossexual: cenário compatível com o filicídio estruturante. Processo de presentificação do exercício da sua *pulsão de apoderamento*, agora sob o jugo do processo de diferenciação: passa-se do ser para ter o objeto. Penso que Freud (1920) nos fornece um bom exemplo desse processo no jogo do carretel, que consiste em fazer desaparecer e reaparecer o objeto do desejo – possibilidade de viver ativamente o que se viveu passivamente. Por fim, apoderar-se do seu

ser, rompendo com esse destino narcísico, de seguir ocupando o lugar de: “sustentar e amparar estes desejos paternos, alheios ao sujeito”.

Com certa dose de ousadia, pretende-se, por meio dessa narrativa, incitar releituras desses textos centenários na sua inter-relação, em especial em relação às ideias elaboradas na esteira da pulsão de morte a partir do seu sinistro encontro com a libido. Escritura que tem uma potencialidade vibrante para dar fundamentação para as ideias que estão por vir, bem como constituir-se no elo com o anteriormente elaborado. Assim sendo, reencontrá-lo e contextualizá-lo, de Freud ao nosso tempo, acompanhado de um espírito investigativo, pode ser uma bela oportunidade de experimentarmos reflexões a respeito do Ser contemporâneo: sobre a psicanálise, sobre o nosso ofício e sobre as interações com a ordem social.

Referências

FREUD, S. (1905). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1911). “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1913). “Totem e tabu”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1914). “À guisa de introdução ao narcisismo”, in *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1915). “Pulsões e destino da pulsão”, in *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1919). “O estranho”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1920). “Além do princípio do prazer”, in *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1923). “O eu e o id”, in *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1924). “O problema econômico do masoquismo”, in *Escritos da psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Org.), v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

PAIM FILHO, I.A. “A guerra e o repúdio do feminino: uma releitura da disposição feminina originária”, in *Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento, 2014c.

PAIM FILHO, I.A.; et al. “Solidariedade-Excitatória-Sexual: um conceito metapsicológico?”, in *Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento, 2014a.

PAIM FILHO, I.A.; TERRA MACHADO, A.P. “O trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável”, in *Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento, 2014.

PAIM FILHO, I.A. “Vazio: um novo/velho mal-estar na cultura”. *Revista do IEPP*. Porto Alegre, n. 8, 2006.

PAIM FILHO, I.A.; FRIZZO, P. “O pulsar da pulsão e os enigmas da criação”, in *Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento, 2014.

PAIM FILHO, I.A.; MORENO GARCIA, R. “Identificação imanência de um conceito”, in *Identificação: imanência de um conceito*. São Paulo: Blucher, 2023.

PAIM FILHO, I.A.; TERRA MACHADO, A.P. “Masoquismo destino das pulsões: origem do sujeito”, in *Pulsão de morte: a inegável existência do mal*. Porto Alegre: CEPdePA, 2021.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

Ignácio Alves Paim Filho

Rua Felix da Cunha, 737/410

90440-150 – Porto Alegre – RS

paimiga@terra.com.br

© Constructo Revista de Psicanálise